

DIDIER LAMAISSON

Didier Lamaison é tradutor, professor de Letras Clássicas, ensaísta e dramaturgo. É tradutor de literatura de língua portuguesa, principalmente a poesia brasileira, para o francês. Já traduziu Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Fernando Pessoa assim como de letras de músicas de Chico Buarque e Geraldo Vandré. Veio ao Brasil em 1980 para trabalhar como Professor Leitor de francês na Universidade Federal de Pernambuco. Aprendeu a língua portuguesa através de poemas como “Soneto de Fidelidade”, de Vinícius de Moraes, e “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Recebeu o prêmio Nelly Sachs em 1991 pela sua tradução de Carlos Drummond de Andrade na França (*La machine du monde* - Gallimard, 1990). Didier Lamaison é também autor do romance noir *Édipo Rei*, publicado pela editora Gallimard em 1994. No dia 4 de junho de 2009, foi eleito sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Gilles Jean Abes
Universidade Federal de Santa Catarina



ENTREVISTA COM DIDIER LAMAISSON

Cadernos de Tradução (CT): *Quando você começou a se interessar por tradução?*

Didier Lamaison (DL): Comecei a estudar o grego e o latim aos 11 anos. Logo adorei o exercício da “version” (do grego ou latim para o francês).

CT: *Quais gêneros literários e de quais idiomas você traduz?*

DL: Teatro (grego), filosofia (grego, latim, alemão), poesia (inglês, português), romance (português), correspondência (português).

CT: *Qual é a sua formação enquanto tradutor? É essencialmente prática ou a(s) teoria(s) tem(têm) algum papel?*

DL: Prática, prática, e prática! Ainda mais: prática das línguas antigas! prática escrita das línguas antigas. Prática não somente da “version”, mas também do “thème” (isto é: do francês para o grego ou o latim). Durante doze anos, não passei sequer uma semana sem fazer pelo menos duas “versions” e dois “thèmes” de grego ou latim...A teoria da tradução é bastante recente. Teorizar sobre a tradução é interessante, claro, mas não serve para formar um tradutor. Quando comecei, existia na França dois teóricos somente! G. Mounin e A. Burman. J. Beaufret, meu professor de filosofia, também grande helenista, repetia: “traduzir é antes de tudo traduzir-se”. Aliás, retomava um pensamento de M.Heidegger, ele mesmo grande tradutor. Por isso, não posso deixar passar em silêncio que a formação de um tradutor literário exige antes de tudo um

conhecimento profundo, absoluto da sua própria língua materna, um domínio soberano sobre as possibilidades criativas dela. Saber escrever? Sim, claro. Mas “saber escrever” não basta. O bom tradutor literário deve ser potencialmente um escritor de verdade. Infelizmente, isso não se ensina...

CT: Qual é a sua relação com o Brasil e a literatura brasileira?

DL: Fui professor de mestrado em literatura em Recife, na UFPE, durante cinco anos. Foi assim que descobri, ao mesmo tempo, o Brasil, sua língua e sua literatura. Devo contar como. Quando cheguei na Universidade, no primeiro dia, uma aluna, que falava francês, me ofereceu aulas de português (não conhecia uma palavra). “- Comigo, você vai aprender rápido. Primeiro, para a primeira aula, amanhã, se você quiser, tem que decorar o ‘Soneto de Fidelidade’, de Vinícius.”

“- Decorar? Mas o que quer dizer? Nem sou capaz de ler o texto original!”

“- Decora, professor! Depois, a gente fala!”

Decorei, a noite inteira... Sem entender uma palavra.

O dia seguinte, foi um soneto de A. dos Anjos... Uma tortura! Depois, de Drummond...

Um suplício! Etc.

Entende agora como me tornei tradutor de poesia brasileira?

A propósito de Vinícius, justamente, eu o traduzi muito, por puro prazer: não publiquei nenhuma destas traduções, o que explica não se encontrarem em minha bibliografia.

O prazer, sim, o prazer puro da tradução, eis uma coisa da qual não falei. Prova-se cerebralmente, ao traduzir, um prazer comparável àquele de um exercício físico, por exemplo, o de caminhar ao ar matinal, fresco, ventilado, embasbacado pelos aromes fugazes, pelas imperceptíveis luminosidades. E já que falo de exercício físico, saiba que durante meus anos de aprendizagem de sua língua, acordei todas as manhãs às 6h, com o sol (que nasce sempre na

mesma hora em Recife), e que traduzia Machado de Assis durante meia-hora, no correr da pena. Isso, qualquer fosse a hora, às vezes tardia, em que ia me deitar! Mesmo que voltasse a deitar - o que fazia às vezes. Então sentia-me bem. Todas as engrenagens de meu cérebro tinham sido acionadas, verificadas, lubrificadas. Como ao final de um exercício matinal, durante o qual se provou todos os músculos, os batimentos do coração, a flexibilidade dos tendões, a ventilação de seus pulmões!

Esse exercício cotidiano me permitiu traduzir integralmente os *Contos Fluminenses*, *Papéis Avulsos*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Conservei estas traduções que jamais publiquei, graças a Deus! Devem ser muito ruins (eu nunca as reli!).

CT: Como chegou à poesia de Carlos Drummond de Andrade?

DL: Por puro acaso. Em 1987, depois da morte de Drummond, aconteceu uma briga séria na Gallimard, assumindo então a responsabilidade pela sua tradução (só existia uma pequena antologia publicada em 1973 pela editora Aubier). Havia uma forte concorrência entre vários universitários conhecidos, para traduzir o prestigioso Itabirano. Para acabar com o problema, Gallimard resolveu organizar um teste “às cegas”, anônimo. Ninguém me conhecia. Uma pessoa só, na Gallimard, havia ouvido o meu nome, e, quase por brincadeira, me mandou os quinze poemas do teste sobre Drummond. Tinha uma semana. A minha tradução foi escolhida, mas até hoje não sei como! Desde então, os outros candidatos declararam a guerra, que ainda não terminou.

CT: Você poderia descrever algumas particularidades da escrita de Drummond?

DL: A variedade de tons, a pluralidade de tipos de discurso, a diversidade estética.

CT: *Como lidou com as diferenças entre os dois idiomas como, por exemplo, a sintaxe?*

DL: Basta conhecer o latim, e as diferenças entre o português e o francês não existem mais! Qual é a diferença entre dirigir um carro Renault e um Peugeot? Basta saber dirigir!

CT: *Qual foi sua postura perante a aparente intraduzibilidade da poesia?*

DL: Vamos primeiro reduzir o problema da “intraduzibilidade” a dois casos: o poema incompreensível, e o poema compreensível. Ou seja: a estética modernista, e a da Geração 45, por exemplo. Ou ainda: a poesia de Píndaro, e a de Homero. Ou: a poesia de Maurice Scève, e a de Ronsard. Ou a de Rimbaud, e a de Hugo. Etc. As primeiras pretensamente intraduzíveis, as segundas não.

Ora, na prática, acontece o contrário! Sousândrade é bem mais “traduzível” do que Patativa do Assaré! Para o primeiro, tomo uma palavra depois da outra, e traduzo. O segundo apresenta sucessões de idiotismos, lusitanismos, locuções populares, alterações orais, metáforas indígenas (sertanejas), paranomásias vulgares, ritmos rígidos, musicalidades típicas, etc.

Sousândrade foi (bem) traduzido por G. de Cortanze (1981). Patativa nunca foi, e acho que nunca será: é um desafio terrível para qualquer tradutor!

Eis o primeiro caso de “intraduzibilidade”.

Infelizmente, há outras formas. Por exemplo, a correspondência muitas vezes problemática entre a palavra portuguesa e a francesa. Mas chegamos aqui em umas problemáticas bem conhecidas da tradutologia.

CT: *Quais foram os principais desafios dessa tradução do Drummond?*

DL: Como já disse, a maior dificuldade, com Drummond, me parece a multiplicidade das estéticas que visitou. Dependendo das épocas, ele explorou todas as poéticas possíveis: modernista (*Alguma Poesia*), popular (*A Rosa do povo*), épica, lírica, intimista, humorística, satírica, pornográfica, etc. Mas também, muitas vezes, no espaço mestiçado de um poema só. Os problemas são inumeráveis. Primeiro de compreensão (nada mais difícil, por exemplo, para o leitor estrangeiro, do que perceber um verso irônico). Depois de tradução: como reproduzir a passagem repentina do “*genus grande*” (o tom eloquente) a uma expressão familiar? de uma inspiração erótica a uma notação burlesca?

CT: *Você consultou outras traduções para auxiliar na sua tarefa? A tradução de Jean-Michel Massa, por exemplo?*

DL: Claro, desde que existam! Tiro proveito de tudo! Os achados dos outros, os erros, os êxitos, os fracassos! Para Drummond, a tradução de J. M. Massa me ajudou sobretudo pra deixar de retraduzir os poemas que ele já tinha traduzido. Ou, embora raramente, para me singularizar, aprofundando o sentido francês de um tal poema célebre. Por exemplo, para *No meio do caminho*, traduzi “*tinha*” por uma 1ª pessoa, já que Massa havia escolhido a 3ª pessoa.

CT: *Essa experiência de traduzir a poesia de Drummond mudou sua postura tradutória de alguma forma? O que você aprendeu com essa experiência?*

DL: Não. Já tinha minha ética própria da tradução poética. Que se pode resumir assim: para traduzir um poema, é o poema ele mesmo que cria as regras próprias da sua traduzibilidade. Em outros termos: não há regras! Aliás, sim, há uma. Veja na resposta n° 13.

CT: *Quais outros autores de língua portuguesa você traduziu?*

DL: Machado de Assis, os poetas românticos, F. Pessoa, A. dos Anjos, F. Gullar, I. Junqueira, A. C. Secchin, M. Accioly, P. Gonzaga, M. Ianelli, Chico Buarque, Caetano Veloso, G. Vandré - e C. Lispector, M. Pontes, I. Barroso, A. M. Machado.

CT: *Qual é a tradução que você considera como o seu melhor trabalho?*

DL: Drummond, com evidência! Graças a várias amigas: Luzila Gonçalves Ferreira, Cláudia Poncioni, acho que levei a tradução a um “certo” ponto “acabado”. Com ajuda delas, publiquei novas edições da minha antologia. Bem sei que a malevolência dos meus “inimigos” (cf. resposta 5) aproveitou para clamar que aí estava o reconhecimento da minha incompetência! Pelo contrário! Assim fazendo, ponho em prática o mais precioso dos meus princípios: uma tradução poética nunca está acabada! Só o tradutor vaidoso, isto é estúpido, acredita que a sua tradução, sem ajuda de ninguém, pode ser definitiva! A minha tradução de Drummond é provisória.

CT: *Qual o lugar da literatura brasileira em sua formação como escritor e professor?*

DL: Posso dizer nenhum! Tinha 33 anos quando descobri o Brasil! Tinha lido, em francês, Jorge Amado só! Mas também considero que a “formação” de um tradutor, e mais ainda de um escritor, nunca tem fim... Como uma tradução!

Recebido em: 03/08/2015

Aceito em: 01/10/2015

ANEXO

Traduções

Grego

- Platon, *Gorgias*, extraits publiés dans P. Ducat, J. Montenot, *Philosophie, le manuel*, Ellipses, 2004.
- Sophocle, *Œdipe roi*, traduction, présentation et annotations, Gallimard, Folio policier n°401, 2006

Inglês

- « Le Corbeau » d'Edgar Allan Poe, *O Corvo e suas traduções*, Lacerda Editores, Rio de Janeiro, 2000.

Alemão

- Révision et harmonisation du texte français de la traduction de *Etre et temps*, de Martin Heidegger, publiée par Emmanuel Martineau, éditions du Franc-Dire, collection Authentica, 1985.

Português

- Machado de Assis, *Contos Fluminenses, Historias da meia noite, Esaú e Jacó, Memorial de Aires* (non publiées).
- Fernando Pessoa, « le Commerce et la Culture », *Distributions et Prospectives* n° 4, 1988.
- Fernando Pessoa, « l'Essence du Commerce », *Distributions et Prospectives* n° 5, 1988.
- Carlos Drummond de Andrade, *Poésie*, Gallimard, Du Monde Entier, 1991, 446 pages (choix, traduction, présentation et notes). Ouvrage couronné par le prix Nelly Sachs de traduction poétique.

- Heitor Villa-Lobos, Quatre chansons, *Livret d'accompagnement du concert du 5 mai 1994*, Auditorium du Louvre.
- Machado de Assis, Trois contes : « Apólogo », « Noite de almirante » et « Cantiga de esponsais », *Revue Caravanes* n° 5, 1996. Chico Buarque et Caetano Velôso, traduction de textes de chansons, *Revue Caravanes* n° 6, 1997.
- Mario Pontes, « Andante com morte », *Revue Caravanes* n° 7, 2001.
- *Anthologie de la poésie romantique brésilienne*, Éditions Eulina Carvalho/UNESCO, 2001 (introduction, traduction de Gonçalves Dias et Casimiro de Abreu, révision).
- Augusto dos Anjos, « Monologue d'une ombre », *Revue Caravanes* n° 8, 2003.
- Ivo Barroso, « Etape touristique », *Revue Caravanes* n°8, 2003.
- Ferreira Gullar, *Dans la nuit véloce*, choix de poèmes, 1950-2001, éditions Eulina Carvalho, 2003, 309 p.
- Mario de Andrade, *Acre-Nocturne*, Livret du concert « Stimmen der grünen Hölle, Entzaubertes Amazonien », Poesie&Musik-Brazilianische Klänge, Apollon Stiftung, Bremen, Allemagne, 2003, p. 55-59.
- Carlos Drummond de Andrade, *La Machine du monde*, et autres poèmes, avec la collaboration de Claudia Poncioni, Gallimard, Collection Poésie, 2005, 476 p.
- Carlos Drummond de Andrade, Trois poèmes sur Rio de Janeiro, in L.Vidal, *Les Larmes de Rio*, Aubier, Collection historique, 2009, p.197-217.

- Carlos Drummond de Andrade, *Poema de sete faces*, anthologie polyglotte publiée par Davi Arrigucci Jr, Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- Vinicius de Moraes, Quatre poèmes dits par Pierre Barouh, sur une musique de J.-P. Mas, in: *Latinalma*, CD musical de J.-P. Mas, OutNote Records, Outhere Music France, 2012.
- Ana Maria Machado, *Aux quatre vents*, roman, éd. Des Femmes, 2013, 205 p., traduit en collaboration avec Claudia Poncioni.
- Marcus Accioly, *Goofy, Yfoog, et Petit poème du tisserand*, poèmes publiés sous forme manuscrite offset, in *Marcus Accioly*, éditions Bagaço, Recife, mars 2013.
- Carlos Drummond de Andrade, *L'Ami de l'ascenseur*, Chronique du Correio da manhã, 12.09.1965, in *L'Equipe Magazine* n° 1613, p.14, 15.06.2013.
- Antonio Carlos Secchin, *Levando uma coruja a Atenas*, douze poèmes extraits de *Todos os ventos* (1997-2002), traduits et publiés in *Secchin, uma vida em letras*, Ed. UFRJ, Rio, 2013, p. 454-461.
- Pedro Gonzaga, *A Ultima temporada, La Dernière saison*, poèmes, trad. en collaboration avec Sophie Lamaison-de Palézieux, éditions Ardotempo, Porto Alegre, 2013.
- Mariana Ianelli, *O Amor e depois, L'Amour et après*, poèmes, trad. en collaboration avec Sophie Lamaison-de Palézieux, éditions Ardotempo, Porto Alegre, 2013.
- *Antologias da ABL*, Anthologies bilingues de l'Académie Brésilienne des Lettres, 3 volumes, édition de l'ABL, Rio de Janeiro, 2015. Vol. 1, *Fiction*, 265 p., trad. en collaboration avec Sophie

Lamaison-de Palézieux. Vol. 2, *Poésie*, 183 p., trad. en collaboration avec Sophie-de Palézieux. Vol.3, *Essais*, 503 p.

- Clarice Lispector, *Mes Chéries*, lettres à ses soeurs, 1940-1957, éd. Des Femmes, 2015, 380 p., traduit en collaboration avec Claudia Poncioni.

Livros Publicados

Romance

- *Oedipe roi*, Gallimard, « Série noire » n° 2355, 158 p., Paris, 1994. Réédition Folio Policier n° 401, 2006.

Conto

- (Sous le pseudonyme de Mademoiselle de La Force), *La Princesse trop belle*, in « Concours de beauté », Audencia Nantes/ Hobsons-Espace études, Collection Les textes du sujet, octobre 2008, p. 59-61.

Dicionário

- *Dictionnaire des proverbes*, trilingue, français-portugais-anglais, rédacteur de la partie française, ouvrage réalisé en collaboration avec Roberto et Helena Cortes de Lacerda, et Estela dos Santos Abreu, Lacerda editores, 550 p., Rio de Janeiro, 1999. Réédition revue et augmentée, editora Unesp, Sao Paulo, 2003.

Poesia

- Poèmes publiés notamment dans le recueil « Poésie à Paris », éditions P. Saurat, Paris, 1986.

Teatro

- *Une étoile et le ciel*, SACD n° 17550, 1985.

- *Les signes du zodiaque*, argument de ballet, 1982.

- *Les Chipies*, comédie pour adolescents, 1986.
- *Les Téléphobes*, comédie pour adolescents, 1987.
- *Un métro nommé désir*, comédie en 12 tableaux, 2001.
- *La Phallomachie*, tragédie « grecque » en 5 actes, SACD n° 164467, 2004.
- *L'Ecole dont les princes sont des enfants*, comédie en 25 séquences, 3 tableaux et un épilogue, Palais des Congrès, Paris, 16 mars 2010.
- *Vingt-quatre heures de la vie d'une veuve*, argument de ballet d'après S.Zweig, musique de J.-P.Penin, avril 2010.
- *Les Enfants de l'Ovale*, comédie musicale en 20 séquences, Paris, septembre 2012.
- *Tragédie-bouffe*, livret de « tragedia buffa », en collaboration avec Caroline et Sophie Chauveau, Paris, mars 2013.
- *Catabase numérique*, drame mythologique en 4 actes, en collaboration avec Sophie Chauveau, Paris, septembre 2015.